



## **Ensaio: Pensar as juventudes na Educação do Campo e na Agroecologia a partir da condição juvenil**

*Essay: Thinking the youths in Field Education and Agroecology from the juvenile condition*

PACHECO, J.C.A <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),  
julio.almeidapacheco@gmail.com

### **Eixo temático: Juventudes e Agroecologia**

**Resumo:** As representações sobre o que é a juventude e quem são as pessoas jovens passam por diferentes entendimentos. Elas mudam ao longo da história, conforme se alteram também os contextos em que são construídas e, sendo assim, assumimos que ela é diversa, plural: juventudes. Existem as juventudes das cidades e as juventudes do campo, mas fato é que nos diferentes contextos e diante das diferentes representações elaboradas sobre juventude, elas devem ser pensadas a partir da noção de condição juvenil porque é preciso entender os sujeitos inseridos histórico, social, político, culturalmente e mobilizados também pelas dimensões dos desejos, dos sonhos, do pertencimento e reconhecimento de si, do outro e do mundo. A Educação do Campo e a Agroecologia se orientam por um outro projeto de sociedade e de campo no qual as juventudes ganham centralidade e, por isso, a noção de condição juvenil pode orientar suas reflexões sobre as juventudes do campo.

**Palavras-chave:** Juventudes; Condição Juvenil; Educação do Campo; Agroecologia.

**Keywords:** Youths; Field Education; Agroecology; Juvenile Condition.

### **Introdução**

A juventude não é uma faixa etária. Ela é uma categoria que envolve múltiplas condições em sua configuração e dos quais as reflexões que envolvam xs jovens do campo no Brasil precisam considerar. Trata-se de uma perspectiva de juventude assumida que tem relevância para as lutas apresentadas à sociedade pela Educação do Campo e pela Agroecologia.

A noção de juventude passa por diferentes representações, mas podemos dizer que é ainda predominante um olhar negativo sobre xs jovens, principalmente aqueles oriundos das camadas populares. Mesmo que alguns aspectos atribuídos ao “ser jovem” (como a energia física dos seus corpos, sua estética ou a busca pelo novo) sejam motivos de elogios e até almejados no mundo adulto, é comum representar a juventude como uma passagem, apenas um “vir a ser” (NONATO, S.P. *et all.*, 2016; DAYRELL, J. 2016). Ela é tida como uma fase transitória carregada por instabilidades que não autorizam xs jovens como interlocutores legítimos, porque representados como incompletos, rebeldes, descompromissados, como algo que ainda não é ou como sendo ninguém, negando sua identidade no tempo presente ao lançar para o futuro sua possibilidade de ser (DAYRELL, J; CARRANA, P. 2013).



Porém, a experiência de ser jovem não acontece descolada de seu estar no mundo. Acontece mobilizada pelo desejo, pelo biografia de cada jovem e do que lhe constitui como tal em uma estrutura social e histórica (DAYRELL, J; ALVES, M.Z. 2015). E aqui caber dizer que *é nesse processo que cada um/a delxs vai se construindo como sujeito, como ser singular que se apropria do social, transformando-o em representações, aspirações e práticas, que são interpretadas e dão sentido aos seus mundos e às relações que mantêm.*” (NONATO, S.P. *et all.*, 2016, p.255).

É inserida na experiência própria da vida e na estrutura social que passa a construção dos significados elaborados pelxs jovens sobre si mesmos, sobre o mundo e sobre o outro, nas diferentes formas de vivenciar individual e coletivamente o estar no mundo, inclusive, em suas contradições. Nas formas dessa vivência é que se dá a produção dxs jovens como sujeitos sociais que agem *no e sobre o mundo* (NONATO, S.P. *et all.*, 2016). Por isso, a juventude é diversa, como diversas também são as experiências vivenciadas por ela (DAYRELL, J; CARRANA, P. 2013). Como categoria social plural, uma vez que imersa na complexidade das relações que estabelece, temos que não existe uma única juventude, mas juventudes, pensadas a partir da *condição juvenil*.

A noção de *condição juvenil* diz sobre a necessidade de considerar as dimensões da sociabilidade, da cultura juvenil que se expressa simbolicamente nas adesões estéticas e artísticas, no corpo, na linguagem, na vestimenta, no visual, no comportamento, nas relações com as tecnologias e em tudo o mais que configura sua inserção social. O território, enquanto lugar material e simbólico da experiência juvenil, é também um aspecto fundamental onde acontece e se transforma a condição juvenil, além da dimensão temporal que tensiona a juventude para “ser alguém na vida” nos diferentes contextos e condições em que essa tensão se impõe (DAYRELL, J. 2016; DAYRELL, J; ALVES, M.Z. 2015.). O que ela cobra é perceber de forma complexa o conjunto das relações sociais, culturais, econômicas e políticas, com atenção para as especificidades de cada situação e dos recortes de classe, gênero, pertencimento étnico-racial que, como sabemos, na realidade brasileira são profundamente estruturantes das desigualdades (ANTUNES-ROCHA, M.I; LEÃO, G. 2015).

Para as juventudes do campo no Brasil essas tensões são também presentes. Se nxs jovens as transformações se apresentam como uma necessidade particular de sua experiência de inserção social, o contexto campesino os afeta de maneira intensa.

A juventude do campo lida com os desafios identitários em um lugar representado como atrasado, com a migração campo-cidade tão marcante para a juventude camponesa, com as possibilidades (ou impossibilidades) de permanência nos territórios, a partir de relações marcadas por conflitualidades, mas que, não sendo sujeitos passivos e alheios às tensões que os atravessam, as juventudes camponesas atuam em sua realidade e na construção de seu lugar social, político e cultural. É aqui que Educação do Campo, Agroecologia e a *condição juvenil* se



complementam. Por isso, o pensar as juventudes do campo que compõem os movimentos de Educação do Campo e da Agroecologia deve considerar a *condição juvenil* como aspecto fundamental para ampliar o olhar sobre como a experiência de ser jovem do campo é vivida por esse grupo social.

## Metodologia

A discussão proposta nesse ensaio surgiu dos estudos realizados sobre as juventudes do campo no contexto de uma pesquisa de doutoramento que está sendo desenvolvida pelo autor deste ensaio. Pensada a partir dxs jovens estudantes das Escolas Famílias Agrícolas de Minas Gerais e da busca por colocar em diálogo os debates promovidos pela Educação do Campo e pela Agroecologia sobre o tema, a noção de *condição juvenil* apareceu como um elemento importante para a pesquisa quando o autor cursava a disciplina “Educação Popular e Juventudes” no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Ainda em fase de aprofundamento, esse ensaio representa os primeiros esforços de sistematização das discussões que irão compor a tese a ser defendida pelo autor no referido programa.

## Resultados e Discussão

A Educação do Campo, enquanto um movimento de lutas sociais pelo acesso das populações do campo à Educação, amplia o entendimento sobre sua dimensão educativa porque ocupa o espaço cultural e físico-estrutural da escola, mas traz para dentro desse espaço os fazeres e saberes compartilhados pelas trabalhadoras e trabalhadores do campo. É uma luta por educação, mas não qualquer educação, porque está combinada com a luta pela terra, com o direito ao trabalho, à cultura, ao território, às questões identitárias e a um projeto político de sociedade. Sua proposta pedagógica tem como ponto de partida os sujeitos do campo, sua realidade e as relações nela estabelecidas, concebendo social, político e pedagogicamente uma outra escola: democrática, coletiva, solidária, em coerência com xs educandxs (CALDART, R.S. 2012; MUNARIN, A. 2008).

A Agroecologia é entendida como uma ciência, como prática e como um movimento social que assume as dimensões ambientais, social, políticas, éticas e de projeto de desenvolvimento (WEZEL, *et all.* 2009). Ela alcança uma ampla abrangência em todo o território nacional, nos seus diferentes biomas e na sua diversidade cultural e sócio-política, expressando a resistência da agricultura camponesa e familiar contra as pressões exercidas pelo agronegócio e pelo modelo de desenvolvimento e de sociedade que ele carrega (RIBEIRO, S. FERREIRA, A. P. NORONHA, S. 2017). Fez-se como opção estratégica na construção de uma sociedade mais justa, igualitária, solidária e sustentável ao incorporar em suas lutas temas de fundamental relevância para a sociedade como a soberania alimentar e nutricional, o direito à terra e aos territórios, à biodiversidade, as dimensões da cultura, da comunicação,



das questões de gênero, das juventudes como um tema de destaque atualmente e, mesmo que de forma mais tímida, também da Educação do Campo (ENA, 2014; ENA, 2018).

É possível perceber que tanto a Educação do Campo como a Agroecologia lutam contra o modelo capitalista de sociedade e por um outro projeto que envolve um outro campo, passando por repensar a educação, a escola, o modelo de desenvolvimento e das relações entre as pessoas e com o mundo. Nessas lutas, as juventudes são um grupo central que precisa participar ativamente da construção e efetivação desse outro projeto. Assim, a *condição juvenil* amplia o olhar sobre o que é ser jovem do campo e contribui nas lutas ao demandar uma investigação mais profunda sobre o porque, como e quem são as juventudes.

Considerar a condição juvenil é fugir de noções essencializadas sobre o que é ser jovem, pensando-a emaranhadas às questões culturais, políticas, sociais, econômicas, mas também às dimensões dos desejos, dos sonhos, da autorealização, do reconhecimento e com maior ênfase na multiplicidade interseccional que participam inevitável e profundamente da constituição do ser jovem também no campo. A Educação do Campo tem a potência dos processos educativos que promove e nos quais mobiliza um conjunto de lutas que incidem diretamente sobre o lugar de sujeito social das juventudes camponesas. A Agroecologia se firma como um espaço amplo de materialização de um projeto de sociedade e de campo no qual as juventudes assumem um papel relevante. Os processos que constroem precisam, portanto, ter as juventudes enquanto sujeitos sociais ativos que se constituem, não como um “vir a ser”, mas no tempo presente inseridos nas tensões sociais que configuram seu estar no mundo.

Se estamos falando de movimentos que estejam em diálogo com o conjunto das demais lutas sociais do campo e têm a juventude como grupo social importante, para pensar seus projetos de sociedade, de campo e com as juventudes, é preciso fazê-lo inserido na complexidade que configuram a *condição juvenil*.

## **Conclusões**

As discussões envolvendo as juventudes tem assumido um lugar de destaque no movimento agroecológico e, sendo o público prioritário da Educação do Campo, constitui-se também como tema relevante para esse movimento. Dessa forma, vem se ampliando as dimensões a serem consideradas quando esses movimentos tratam desse tema, pensam esse grupo social e abrem maior espaço de participação e protagonismo das juventudes nas lutas encampadas pela Educação do Campo e pela Agroecologia. Ainda, é evidente os cruzamentos possíveis sobre esse tema entre esses dois movimentos que apresentam e compartilham lutas em comum. Contudo, é preciso também ter em vista que Agroecologia e Educação do Campo precisam estar mais próximas e estabelecer um diálogo mais íntimo já que, mesmo



sendo perceptível as interconexões que suas lutas estabelecem, elas ainda não acontecem suficientemente integradas.

### Referências bibliográficas

ANTUNES-ROCHA, M.I; LEÃO, G. **Juventudes no/do campo**: questões para um debate. In: *Juventudes do Campo*. ANTUNES-ROCHA, M.I; LEÃO, G. (orgs.). 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p.17-27.

CALDART, R.S. Educação do Campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. CALDART, R.S; PEREIRA, I.B; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (Orgs.). Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 257-265.

DAYRELL, J. **“Ser alguém na vida”**: juventude, escola e a busca por reconhecimento. 2016. Mimeo.

DAYRELL, J; ALVES, M.Z. **Ser alguém na vida**: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 41, n. 02, p.375-390, abr./jun. 2015

DAYRELL, J; CARRANA, P. **Formação de professores do ensino médio, etapa I – caderno II**: o jovem como sujeito do ensino médio. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. 69p.

ENA. **Carta Política do III Encontro Nacional de Agroecologia**. Articulação Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro. 2014.

ENA. **Carta Política do IV Encontro Nacional de Agroecologia**: agroecologia e democracia unindo campo e cidade. Rio de Janeiro: AS-PTA: Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, 2018. 47p.

MUNARIN, A. **Movimento Nacional de Educação do Campo: uma trajetória em construção**. UFSC. GT-03: Movimentos Sociais e Educação. 2008.

NONATO, S.P. *et all.*, 2016; Por uma Pedagogia das Juventudes In: **Por uma Pedagogia das Juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. DAYRELL, J. (org.) Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

RIBEIRO, S. FERREIRA, A. P. NORONHA, S. **Educação do campo e Agroecologia**. In: **Construção do Conhecimento Agroecológico**: Novos Papéis, Novas Identidades. Articulação Nacional de Agroecologia. Jun/2017. p.259-269

WEZEL, *et all.* Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. *Agron. Sustain. INRA, EDP Sciences*, 2009. 13p.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.